

JUVENTUDE E TRÂNSITO RELIGIOSO: CRISTIANISMO EVANGÉLICO E RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS

Isaías Gomes da Silva¹

37

A proposta desse texto é mostrar um recorte feito acerca do fenômeno do trânsito religioso no Brasil, a partir de uma pesquisa sobre juventudes. Mais especificamente, a mudança de religião de pessoas que eram evangélicas e se tornaram umbandistas ou candomblecistas. O interesse em analisar essa questão nasceu de uma observação pessoal nas redes sociais no ano de 2017. Nos últimos tempos, houve certo crescimento entre os grupos afros religiosos e simpatizantes da causa inter-religiosa, de uma luta contra a intolerância religiosa. Observa-se que a motivação se dá diante dos recorrentes casos de ataques violentos às comunidades de terreiros de umbanda e candomblé no Brasil. Os autores, Novaes (2004), Oliveira e Bizzo (2016), e Mariano (2013) nos ajudarão a olhar esse quadro e a analisar o projeto “Testemunhos de Axé”, que colhe relatos sobre o trânsito religioso.

Palavras-chave: Trânsito religioso; Juventude; Testemunhos.

Revisto anonimamente no processo de pares cegos.

Recebido: 06/2020

Revisado: 07/2020

Aprovado: 08/2020

Reviewed anonymously in the process of blind peer.

Received: 06/2020

Reviewed: 07/2020

Approved: 08/2020

DOI: 10.46696/issn1983-2354.RAA.2020v13n35.37-45

¹ Licenciado em Filosofia e especialista em Juventude pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Email: isaiajhs@gmail.com.

1 – INTRODUÇÃO

Um dos fenômenos religiosos mais estudados no Brasil é o trânsito religioso. A mudança de religião no passado e atualmente faz parte da construção cultural do nosso país, a presença dos nativos com suas expressões religiosas, a chegada do cristianismo católico com os colonizadores, a vinda dos africanos escravizados e depois o protestantismo com os imigrantes, comerciantes e missionários, todos estes eventos fizeram do Brasil um país plural, no entanto, predominantemente cristão católico,

País predominantemente cristão, em sua identidade e em muitos de seus costumes e crenças, as histórias cultural e institucional brasileiras coincidem e estão implicadas à história cultural da igreja Católica Apostólica Romana. (OLIVEIRA; BIZZO, 2016, p. 174)

Sabemos também que a inserção do cristianismo não foi tão tranquila e pacífica, a transmissão da religião foi parte constitutiva do projeto de colonização, outras expressões religiosas eram sobrepostas e anuladas pela nova lógica que chegava. Ainda hoje a visão idealista de pacificidade que muitos defendem no Brasil, não condiz com a realidade, as minorias religiosas ainda sofrem com o predomínio cristão.

O objetivo desse texto é mostrar um recorte feito sobre o fenômeno do trânsito religioso no Brasil, talvez um elemento novo nesse campo, a mudança de religião de pessoas que eram evangélicas e se tornaram umbandistas ou candomblecistas. O interesse em analisar essa questão nasceu de uma observação pessoal nas redes sociais, no Facebook especialmente, no ano 2017. Nos últimos meses daquele ano, houve certo crescimento entre os grupos afros religiosos e simpatizantes da causa inter-religiosa, na luta contra a intolerância religiosa. A motivação se deu diante dos recorrentes casos de ataques violentos às comunidades de terreiros de umbanda e candomblé pelo Brasil afora, mais especificamente no Estado do Rio de Janeiro², onde se pode observar uma forte presença das religiões afro-brasileiras e das mais diversas denominações evangélicas.

Nesse contexto me chamou atenção a proposta de uma página do Facebook, Ôrisà Léwà, motivando os seguidores adeptos da religião dos orixás que são ex-evangélicos a compartilharem relatos pessoais de vida, surpreendentemente apareceram inúmeros casos, contrariando a ideia comum de que as religiões de matriz africana têm perdido progressivamente adeptos para as Igrejas protestantes, vale aprofundar a questão e ver que na verdade há uma disputa entre as duas denominações, particularmente nas periferias de nossas grandes cidades, como afirma Regina Novaes,

² Sobre os ataques a terreiros no Rio de Janeiro: <<https://oglobo.globo.com/rio/mais-de-200-terreiros-estao-ameacados-no-estado-diz-pai-de-santo-23937214>> Acessado em 20 de maio de 2020.

Não há como negar que o crescimento pentecostal disputa “nas bases” com as religiões afro-brasileiras. Não é por acaso, diga-se de passagem, que a neopentecostal Igreja Universal do Reino de Deus elege entidades e orixás como seus adversários mais poderosos. O exorcismo – ali denominado de libertação – pressupõe a crença no poder do inimigo (NOVAES, 2004, p. 327).

Diante desse fenômeno serão analisados os testemunhos dos seguidores da página citada, fazendo o recorte da juventude, que é o foco desse texto, uma observação importante a ser feita é que a maioria dos relatos postados é de jovens, talvez o acesso às redes sociais seja o motivo maior desse fato, já que o perfil fiel do usuário das redes sociais é a juventude.

2 - CONTEXTO RELIGIOSO

Considerando as estatísticas observa-se a mudança do quadro religioso brasileiro, certa diminuição dos católicos e um crescente aumento dos evangélicos, houve então uma:

Importante redução na proporção de pessoas autodeclaradas católicas, passando de 89,2%, em 1980, para 64,6%, em 2010; aumento na proporção de evangélicos, de 6,6% para 22,2%, no mesmo período, e dos que se denominam sem religião, que passaram de 1,6% para 8,1% do total. (OLIVEIRA; BIZZO, 2016, p. 174).

Aproximadamente 10 anos depois temos um novo cenário, o Instituto de pesquisa Data Folha fez uma pesquisa em dezembro de 2019 e reafirma a tendência dos dados de 2010, o número de católicos cai e o de evangélicos cresce, 50 % de brasileiros se declaram católicos e 31% evangélicos, aumenta também os que se definem sem religião, de 8,1% para 10%. Umbanda, candomblé e outras religiões afro-brasileiras somam 2 %³.

Sabemos que entre as Igrejas Protestantes há várias denominações, aqui é apresentado o recorte de um grupo que tem crescido muito no Brasil, o que agrega as Igrejas Neopentecostais, é interessante apresentar quais as características desses novos grupos protestantes, Graciela Oliveira e Nélio Bizzo analisam a questão desde o problema da intolerância e da transição religiosa, mostram que os neopentecostais são caracterizados por:

(1) pregar e difundir a Teologia da Prosperidade, defensora do polêmico e desvirtuado adágio franciscano “é dando que se recebe” e da crença nada franciscana de que o cristão está destinado a ser próspero materialmente, saudável, feliz e vitorioso em todos os seus empreendimentos terrenos; (2) enfatizar a guerra espiritual contra o Diabo, seu séquito de anjos decaídos e seus representantes na terra, identificados com as outras religiões e, sobretudo, com os cultos afro-

³ Religião dos brasileiros, pesquisa Data Folha 2019: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/13/50percent-dos-brasileiros-sao-catolicos-31percent-evangelicos-e-10percent-nao-tem-religiao-diz-datafolha.ghtml>.

brasileiros; (3) não adotar os tradicionais e estereotipados usos e costumes de santidade, que até há pouco figuravam como símbolos de conversão e pertencimento ao pentecostalismo. Mariano (apud OLIVEIRA; BIZZO, 2016, p. 175).

Historicamente os cultos africanos desde a África à diáspora têm sido identificados pelos missionários como diabólicos. Hoje essas Igrejas elegem como adversárias a serem combatidas as religiões afro-brasileiras, segundo Novais (2004, p. 327). Fundamentam-se em uma teologia maniqueísta do mal e do bem, onde a tarefa principal será combater o mal com o bem, e destruir o diabo em nome de Deus. Pela forte perseguição e estigmatização (entre vários outros motivos), é comum nos depararmos com casos de ex-adeptos da umbanda e candomblé se converterem ao neopentecostalismo, tornando-se o convertido uma espécie de troféu, o caso do pastor Edir Macedo e da Igreja Universal, é um famoso exemplo desse fenômeno.

Nesse texto será apresentado o outro lado da disputa, não tão visto e propagandeado pelos meios de comunicação, nem tão abordado pelas pesquisas já que a maioria destas revelam pouco sobre as particularidades das religiões afro brasileiras. Serão apresentados testemunhos de um grupo de pessoas, que não nos darão ferramentas para generalizar a nível nacional, mas mostrarão pistas para essa análise e à outros possíveis estudos tendo como perspectiva esse lado do jogo. Portanto, nossa reflexão/análise se orientará a partir das seguintes questões: O que motiva este trânsito religioso? Quais elementos surgem? O que há de semelhante nos testemunhos?

3 - PROJETO TESTEMUNHOS DE AXÉ

No início do mês de outubro de 2017, depois de várias postagens sobre a questão da intolerância religiosa que os terreiros vêm sofrendo a página do Facebook Òrisà Léwà em parceria com outras páginas lançam o projeto/campanha, *Testemunhos de axé*:

A benção a todos! Estamos querendo juntar depoimentos de evangélicos que hoje são adeptos de religiões de matriz africana para postar nas páginas Òrisà Léwà, *Raiz Ancestral* e *Não mexa na minha ancestralidade*. Todos os relatos serão compartilhados nessas páginas irmãs. Caso tenha alguém aqui que deseje colaborar com seu depoimento pessoal, pedimos que acessem uma das páginas que estão promovendo este projeto no Facebook e nos mandem seu depoimento inbox. O objetivo deste projeto é mostrar que não encontramos demônios nos terreiros e que encontramos a paz, o amor, o respeito e o carinho com o que é diferente. Makuiu, Kolofé, Motumbá e Saravá (Òrisà Léwà/Facebook).

Podemos observar que a campanha é uma busca de dar resposta ao que se tornou comum no discurso que alimenta as disputas entre as religiões no Brasil desde a escravatura, os elementos sagrados dos negros eram marginalizados e demonizados, as Igrejas cristãs de hoje herdaram essas

ideias e usam-nas como arma contra todas as expressões afros, gerando violência e intolerância. Reforçar a partir da história de vida dos próprios adeptos que a religião dos orixás também transmite paz, amor e respeito, foi a estratégia do grupo de internautas. Tática que realmente deu muito certo, inúmeras pessoas escreveram para a página enviando seus relatos de conversão.

4 - QUALIDADE DE VIDA

Ao percorrer os testemunhos e dramas, podemos observar que a busca por certa qualidade de vida no sentido mais existencial tem sido a principal motivação para o cambio de religião, valores como paz, acolhida, realização pessoal e busca de sentido da vida são os mais recorrentes, as respostas que a Igreja não dava ou deixou de dar é o que parece gerar nas testemunhas uma procura existencial, é nesses momentos que sempre aparece um amigo, uma amiga, um relacionamento, etc. que apresenta a outra religião, no caso, o candomblé ou a umbanda, daí se inicia um caminho de busca pessoal, vejamos:

Relato de Diego:

Conheci o GREOO: Grupo Espírita Obreiros de Oxalá em Piedade no RJ, através de uma amiga de mestrado do meu companheiro (hoje minha irmã de santo), que me enviou um áudio via whatsapp muito carinhoso, o convite para a gira de Ibeijada (Òrisà Léwà/Facebook).

Relato de uma jovem anônima:

Então um dia fui com minha amiga num almoço, na casa do padrinho dela, que era um pai de santo da Umbanda. Nesse dia minhas pernas tremeram de tal forma que eu não me controlava. Conheci a Maria Mulambo. Então ela veio e descreveu minha vida como se ela tivesse vivido comigo desde o dia em que nasci (Òrisà Léwà/Facebook).

Relato de uma jovem anônima:

[...] Fui morar longe de tudo e me afastei de todos. A depressão se fez presente. Tornei-me alcoólatra. Um dia surtei dentro do meu serviço, derrubei tudo e tive crises horríveis de choro. Uma pessoa que trabalhava comigo disse que me levaria onde ela frequentava, então, conheci o Candomblé. Cheguei, fui recebida com tanto amor, o amor que eu nunca conheci, o amor que faz meus olhos transbordarem e me faz sentir a melhor pessoa do mundo (Òrisà Léwà/Facebook).

5 - PLURALIDADE RELIGIOSA NAS FAMÍLIAS

Outro dado curioso é a pluralidade religiosa nas famílias das testemunhas, algumas têm ou tiveram familiares seguidores da umbanda ou candomblé, mas que se tornaram evangélicos abandonando o culto aos orixás e muitas das vezes rejeitando veemente. Vale destacar que a volta de muitos deles a frequentarem a antiga religião dos avós ou dos pais, mostra um retorno simbólico e extremante significativo para eles, como que uma volta para a própria identidade.

Relato de Daiana:

Tudo que eu sei sobre amor me foi doado por minha avó paterna. Ela me criou desde os cinco meses pra que minha mãe pudesse trabalhar. Fazia parte da minha infância estar nas festas de candomblé, religião que foi passada de geração em geração a minha família paterna. Quando completei 11 anos minha avó veio a falecer [...] Não conseguia aceitar, logo, pus a culpa na religião. Passado alguns dias fui morar com a minha mãe. Faltava algo. Além da falta que sentia da minha avó, comecei a frequentar a igreja evangélica e nesse período reforcei meu discurso de repulsa e ódio ao candomblé. [...] Aos 21 anos minha mãe faleceu e meu mundo caiu. O vazio voltou muito mais intenso e complexo. Voltei a frequentar a igreja, mas a cicatriz doía mais do que nunca. Passei a viver de aparência e fingia que estava tudo bem. A mãe da minha amiga sempre me procurava, ligava, até que um dia, fazendo uma visita a minha amiga, sua mãe me disse que uma senhora havia lhe visitado e pedido que cuidasse de mim. Ela havia descrito a minha avó sem tê-la conhecido nem ao menos por foto. Hoje sou abian na casa de angola. Feliz, consciente que o candomblé é a minha raiz. Grata pela minha ancestralidade, filha de Oya (Òrisà Léwà/Facebook).

Relato de Michael:

Em 1987 minha mãe, que já era de umbanda e vivia doente, bolava constantemente. Foi iniciada a Oxum grávida de mim, em decorrência do casamento e não aceitação do meu pai acabou se afastando do candomblé, deixando de lado suas obrigações. Depois de uns 6 ou 7 anos, muito doente, se converteu e pela fé se curou o que a fez abandonar de vez Oxum. [...] Eu fui crescendo em um lar discordante entre meus pais em tudo. A convivência entre eles era muito difícil eu estudava em colégio confessional e ia para igreja nos finais de semana, mas nunca era obrigado, porém tinha muita curiosidade sobre aquele passado espiritual da minha mãe que também foi criada por uma mãe de santo de umbanda a quem sempre considerei minha avó. Com o tempo o casamento dos meus pais acabou e fomos morar na casa da minha avó que estava construindo um terreiro de umbanda novinho que era o sonho dela. A minha liberdade me levou a conhecer outra casa onde tomava passe toda semana com um boiadeiro que falou toda a minha vida e da minha mãe e sempre dizia que eu tinha que cuidar das minhas coisas pois, minha mãe tinha dado obrigação grávida (Òrisà Léwà/Facebook).

6 - SEXUALIDADE: PERCURSOS DE EXCLUSÃO E INCLUSÃO

A questão moral acerca da sexualidade é um dos elementos mais relatados nos depoimentos, especialmente por jovens homens homossexuais que não se sentiam a vontade nas Igrejas que participavam. Sabemos que a questão da sexualidade ainda está envolta de muitos tabus na sociedade e de modo muito particular nas Igrejas, que em geral organizam normas de conduta sexual para os fiéis, o padrão é a heterossexualidade, tudo que escapa desse referencial é anormal e considerado pecado.

Relato de OfaSindeji:

Meu pai se converteu quando eu tinha cinco anos de idade, em seguida foi minha mãe (ela fez isso em apoio ao meu pai, que era alcoólatra). [...] E fui. Em 1999 fui batizado (setembro). Desde então comecei um impasse entre a religião e minha sexualidade, sou gay. Segui na igreja lidando com ministérios de crianças e adolescentes, com arte, dança, música, teatro até que em 2005 assumi minha homossexualidade e a igreja me excluiu após uma reunião com todo o conselho da igreja e do rol de membros. Foi então que em 2007 conheci a Umbanda e o Candomblé. Seguindo e pesquisando sobre desde então, passei pelos ritos da Umbanda a partir de 2008 e fui consagrado sacerdote em 2012. Em 2013 fiquei a frente de um terreiro de Umbanda e em 2014 me decidi pelo Candomblé, me iniciando em fevereiro de 2015 (Ôrisà Léwà/Facebook).

Relato de Matheus:

Me chamo Matheus, hoje tenho 20 anos, nasci e fui criado em uma igreja Universal por influência da minha mãe, que sempre foi muito religiosa. [...] O tempo foi passando e descobri que eu era homossexual, e quando minha mãe soube... Tive que ir para a igreja para fazer uma corrente de "libertação" por longos 5 meses. Descobri ali que o pastor não pregava o amor, muito menos a compaixão. E, sim, julgava tudo e todos em nome de Deus. Ouvi de tudo ali, desde: "Deus vai te libertar" como "em nome de Jesus essa pomba gira vai sair". Até que um dia foi o estopim de tudo aquilo e saí. Prometi a minha mãe que não voltaria mais naquela igreja. Dias se passaram, semanas, meses e acabei conhecendo um terreiro de umbanda. Naquele dia eu não tive medo e foi no olhar de Vovó Luiza que eu tive paz, que eu tive abraço, que eu tive um colo, que eu nunca tive antes. Vovó Luiza me acolheu e seu olhar era tão lindo que me fez me apaixonar pela religião. Desde então vai fazer dois anos em que eu verdadeiramente encontrei minha paz, encontrei meu colo (Ôrisà Léwà/Facebook).

7 - INTOLERÂNCIA RELIGIOSA

Quase todos os testemunhos postados na página revelaram o problema da intolerância religiosa, da demonização das religiões de matriz africana no interior das Igrejas neopentecostais, o curioso é ver o movimento de saída de um espaço religioso ideologicamente estruturado e bem construído para se encontrar em religiões estigmatizadas e marginalizadas historicamente, não só pelos movimentos evangélicos, mas pelo preconceito, racismo religioso e abandono do poder público. Vejamos o depoimento de uma jovem que fundamenta o que afirmamos anteriormente sobre as características do neopentecostalismo "em enfatizar a guerra espiritual contra o diabo, seu séquito de anjos decaídos e seus representantes na terra, identificados com as outras religiões e, sobretudo, com os cultos afro-brasileiros" (MARIANO, 1996, P.26).

Relato de Kamilla Rodrigues:

Meu nome é Kamilla, sou do Rio de Janeiro, tenho 20 anos e sou Lesse Orisá iniciada para Odé da nação Omo Opo Afonjá. Fui criada por uma família cristã onde suas ideologias eram de acordo com a bíblia, para eles a "macumba" era considerada coisa do diabo, e então fui crescendo com esse pensamento até chegar uma certa idade e começar a questionar os motivos dos quais uma religião que eu sempre achei tão linda, ser algo negativo. Como sempre não obtive uma resposta coerente ou então cabível, era sempre um "porque Deus disse" ou "porque Deus quis", mas nunca tinha nada além dessas duas respostas. [...] Para alguns isso pode ser bobeira, "Ah, mas não tem nada demais em ser candomblecista". Bom, realmente não tem nada demais, acontece que em uma sociedade em que a massa esmagadora é cristã, é demais SIM ser candomblecista, muitos de nós andam com medo de serem apedrejados, ter nossos fios de conta arrebitados e nossa fé satirizada, mas também muitos de nós andam com a cabeça erguida e reconhece que Orisá é só amor e respeito, enquanto vocês nos tacam pedra, nós rezamos para que você tenha um coração maior e aceite as diferenças, enquanto vocês quebram nossos Igbás, nós lutamos e batemos cabeça para nossos orisás nos darem força pra conseguir tudo de novo. Enquanto vocês nos recebem com ódio, nós candomblecistas recebemos vocês com amor (Orisá Léwà/Facebook).

Todo ataque pressupõe uma reação, no relato de Kamilla uma resposta é dada à intolerância, no lugar da rejeição, há acolhida; da inferiorização, o orgulho; da perseguição, a resiliência, vale destacar esse último elemento como um lugar subjetivo de empoderamento e cura. Quando nos debruçamos na pesquisa e conhecimento das religiões afro-brasileiras, é fácil contatar nos adeptos uma forte atitude à resiliência na experiência religiosa do candomblé. Estas atitudes individuais em muitos contextos sociais unem grupos inter-religiosos em prol da liberdade religiosa, da paz, dos direitos humanos, da democracia, etc. esse movimento mostra que a luta pelo respeito e pela paz não é privilégio de uma religião específica, mas uma tarefa para todos os seguimentos.

8 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ser religioso se confunde na vida dos jovens que testemunharam suas experiências de vida na página Orisá Léwà com a busca de sentido para a vida, com a construção de suas identidades, que de certa forma são plurais, transpassadas pelo fenômeno do trânsito religioso, esse evento mostra cada vez mais que os jovens estão criando um caminho de independência em relação ao país no que toca a escolha de qual religião querem seguir. Assim pontua Regina Novaes em sua pesquisa, há no Brasil nos últimos tempos um índice menor de transferência da religião dos pais para os filhos, parte dos jovens que não seguem a religião dos pais buscam outras religiões, contrariando assim a afirmativa de que os jovens estão sendo cada vez menos religiosos (NOVAES, 2004, p. 325).

Muitos dos testemunhos de axé compartilhados na página são fortes e impactantes, os jovens relatam os dramas de suas vidas e como que a religião foi influenciando a construção de suas identidades, escolhas relacionais e profissionais, problemas intrafamiliares, etc. A experiência da autonomia para seguir um caminho pessoal independente dos pais foi o elemento mais citado. O encontro de mais tranquilidade e realização pessoal é o estado de vida que alcançaram na atual religião que professam candomblé ou umbanda.

Bibliografia

MARIANO, R. Mudanças no campo religioso brasileiro no Censo 2010. *Debates do NER UFRGS*, v. 14, p. 119-137, 2013.

NOVAES, R. Os jovens “sem religião”: ventos secularizantes, “espírito de época” e novos sincretismos. Notas preliminares. *Estudos Avançados*, v. 18, n. 52, p. 321-330, 2004.

OLIVEIRA, G; BIZZO, Nélío. Os jovens brasileiros e a religião: algumas características e opiniões. *Ciências Sociais e Religião*, ano 18, n. 25, p. 172-200, 2016.

Página Facebook *Òrisà Léwà*. Disponível em: <https://www.facebook.com/orisalewa%20%20%20/>. Acesso 09 de outubro de 2017.

Pesquisa DataFolha. Disponível em:

<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/13/50percent-dos-brasileiros-sao-catolicos-31percent-evangelicos-e-10percent-nao-tem-religiao-diz-datafolha.ghtml>. Acesso 29 de maio de 2020.

Terreiros ameaçados. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/mais-de-200-terreiros-estao-ameacados-no-estado-diz-pai-de-santo-23937214> Acessado em 20 de maio de 2020.